FELICIDADE E AUTOCONHECIMENTO: IMAGENS ABENSONHADAS EM MIA COUTO

HAPPINESS AND SELF KNOWLEDGE: MIA COUTO'S DREAMBLESSED IMAGES

Maria Teresa Salgado
Professora Adjunta UFRJ

RESUMO: Breves embasamentos para uma pesquisa sobre as imagens da felicidade nas literaturas africanas de língua portuguesa, seguidos de uma, também breve, análise da obra *Estórias abensonhadas*, do escritor Mia Couto. Destaque para a ideia de autoconhecimento como movimento fundamental para o processo de "outrar-se", visto aqui como uma das vias na busca pela felicidade. A obra coutiana é lida como uma crítica e uma alternativa para os becos, aparentemente sem saída, das dores e dos traumas criados em nossa sociedade narcísica.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens de felicidade; autoconhecimento; outrar-se, *Estórias abensonhadas.*

ABSTRACT: *Brief appointments for a research on the image of happiness in African literatures, followed by a brief analysis of Mia Couto's* Estórias abensonhadas*. We point the idea of self-knowledge as fundamental to the act of "outrar-se", considered here as one of the main ways to pursuit happiness. Couto's work is read as a criticism and an alternative to the apparent blind alleys, pains and traumas created in our narcissistic society.*

KEYWORDS: *images of happiness; self-knowledge; "outrar-se";* Estórias abensonhadas*.*

A felicidade é uma ideia nova na Europa.
(Saint Just)

Felicidade, eu só te reconheci pelo barulho que você fez ao partir.
(Raymond Radiguet)

A felicidade é uma palavra pneumática.
(M. Teresa Salgado)

A primeira epígrafe, uma já famosa frase pronunciada por Saint Just às vésperas da Revolução francesa, nos dá a dimensão de como a felicidade aparece na modernidade como a mais revolucionária de todas as ideias. Ela não seria mais apanágio das elites; estaria ao alcance de todos, especialmente dos excluídos, traduzindo-se num direito de ser e de existir independente do poder real. Mas os que conhecem um pouco da história das revoluções e das utopias, desde então, sabem de que modo os sonhos revolucionários rapidamente se transformaram em pesadelos e como os projetos de se instaurar uma felicidade para o povo ou para a periferia - se usarmos uma expressão mais contemporânea - tornaram-se tirânicos, muitas vezes, em

função de uma repressão exagerada, que se traduzia num desejo cego de se fazer tabula rasa do passado.

Na segunda epígrafe, o verso do poeta R. Radiguet[1], ao apontar para a impossibilidade de uma apreensão plena da ideia de felicidade, localizando-a no passado, ilustra o caráter contraditório da natureza humana. O humor da frase nos conduz a avaliar a importância da felicidade em nossas vidas e, ao mesmo tempo, a sua fugacidade e dificuldade de apreensão. Percebemos, imediatamente, os aspectos paradoxais inerentes à sua discussão.

A terceira epígrafe aproveita um comentário de Jorge Coli, professor da Unicamp na área de história, sobre a palavra liberdade. A partir de uma obra do romancista italiano Fogazzaro, o pesquisador defende a existência de palavras pneumáticas[2]. Isto é, palavras que vem dos pulmões, que soam como instrumentos musicais, que ninguém sabe exatamente o que querem dizer, mas que embriagam os homens. Não tenho dúvida de que Felicidade, assim como a palavra Liberdade, é uma palavra pneumática, carregada de emoções, repercussões e camadas bastante complexas, que não deve contudo nos fazer desistir de avaliá-la. Pelo contrário, seus muitos significados sugerem um olhar mais atento à história ou às histórias que se agregam à palavra a cada momento em que ela é convocada.

Essas são as epígrafes que selecionei para embasar meu local de observação das imagens de felicidade ou da busca pela felicidade no processo de afirmação e no desenvolvimento das literaturas africanas. Dedico boa parte desse texto para sedimentar essa ideia e, ao final, comento brevemente alguns dos contos da obra *Estórias abensonhadas,* de Mia Couto, que considero uma das mais emblemáticas para pensarmos a construção da felicidade nas literaturas africanas.

Assim como sugeri, há quase 20 anos atrás, uma pesquisa sobre a presença do riso nas literaturas africanas, quando o tema ainda era considerado estranho e pouco pertinente, sugiro agora uma enfoque das imagens da busca da felicidade nessas literaturas. Prestemos atenção a essas imagens, que ora se mostram evidentes ora se percebem apenas como um brilho fugaz ou tímido, como uma espécie de flash que nos atrai e também nos perturba. Mas é preciso que saibamos reconhecê-las, pois, como sugeriu Radiguet, nem sempre elas se mostram evidentes. Por isso, antes de destacá-

las, vale à pena conhecermos melhor a trajetória oscilante do nosso tema no espaço das literaturas africanas de língua portuguesa.

Como nos ensinam vários pesquisadores, entre eles Nazareth Fonseca[3], em boa parte da produção literária africana de língua portuguesa, nos momentos de ruptura com os códigos estabelecidos e de busca de afirmação identária, configuraram-se discursos de resistência e de reivindicação por mudanças. Mas não se tratavam apenas de mudanças no sentido de uma nova linguagem literária. Desejavam-se mudanças quase sempre radicais. Mudanças que, como sabemos, demandavam uma nova ordem política e social, em que as vozes silenciadas se manifestariam e a felicidade seria possível.

Nas palavras de um dos pioneiros nos estudos das Literaturas Africanas, Pires Laranjeira (1995, p. 71), projetos como os da Geração de *Mensagem* angolana eram utópicos, sobretudo, porque pressupunham o inverso do que acontecia na sociedade; clamava-se não só por uma total guinada cultural, mas por uma transformação política, que inaugurasse um projeto de felicidade para Angola.

A produção poética dos poetas mensageiros trazia imagens plurais, mas vivas e, algumas vezes, bem claras, do desejo de felicidade. Leia-se "Serão de menino", de Viriato da Cruz (*In:* FERREIRA, Manuel, 1976, p. 169), em que a Felicidade, em letra maiúscula, é concebida no passado das tradições orais revisitadas; confira-se o poema "A Voz Igual", de Agostinho Neto, em *Sagrada esperança* (1987, p. 153), desenhando um futuro de uma sociedade que traria "Na hora das transformações humanas/o chilreio infantil da mocidade feliz".

Mas não precisamos ficar apenas na Geração *de Mensagem*, para buscar exemplos de como a felicidade utópica fundamentou a construção de identidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. A releitura da "Pasárgada" bandeiriana pela Geração Claridosa cabo-verdiana; a poética moçambicana de *Msaho*; a poesia de Francisco José Tenreiro (1942); a publicação de *Mantenhas para quem luta*. Em diferentes espaços literários africanos, a busca de felicidade delineou claramente suas imagens, embora com estratégias diferentes.

O fato é que a dificuldade em reconhecermos e abordarmos as imagens de felicidade, ou de busca de felicidade, atualmente, não reside apenas nas

literaturas africanas, mas na literatura de forma geral. Nos últimos anos, embora a literatura não abandone o tema, raras obras acadêmicas se arriscaram em torno dele. No Brasil, na pesquisa literária, um dos poucos trabalhos de destaque é o de Ronaldo Lima Lins (1993). Fora isso, desde 2011, acompanhamos os seminários intersiciplinares, organizados por João Freire, da ECO na UFRJ, envolvendo as áreas de comunicação, antropologia, psicanálise, história, literatura e filosofia.

Ao longo dos últimos dois séculos, asiste-se a um processo de desvalorização da busca de felicidade, no campo das ciências artísticas, inversamente proporcional a uma valorização crescente do tema nas demais áreas da sociedade, como a comunicação, o marketing, além de outras áreas que vêm crescendo, justamente com estudos voltados para a investigação do papel da felicidade na sociedade, como a neurociência e a economia.

O século XIX, de Hegel, Schopenhauer e Nietzsche vai desprezar a felicidade, fazendo dela uma imagem essencialmente negativa. Sabemos que boa parte do coro dos grandes poetas e artistas do século XIX e XX também colaborou para essa baixa-estima da felicidade. Românticos como os ingleses Shelley e Keats, os brasileiros Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu ou o romancista português Camilo Castelo Branco cantaram a melancolia, o pessimismo e o tédio, reforçando a concepção de felicidade como apanágio de uma burguesia cada vez mais ciosa de seus pequenos e mesquinhos prazeres privados. Stendhal e Flaubert, por sua vez, corroboraram ainda mais essa ideia, associando a felicidade ao egoísmo, aos espíritos terra a terra e à burrice.

Não resta dúvida de que o século XX foi o das grandes frustrações em tentativas de instauração de felicidade de Estado, fundadas no igualitarismo, em várias partes do mundo. Maio de 68 marcou o grande fracasso da Felicidade de Estado baseada no desenvolvimento econômico. O mal estar na cultura de consumo, de aparências e hipocrisia se configurava, definitivamente, ainda que, na segunda metade do século, tenhamos assistido a uma crítica feroz das instituições e a uma renovação dos comportamentos sociais e sexuais.

Nos anos 1980, o Mercado da felicidade se concretizou como um dos maiores setores econômicos; a temática virou uma obrigação, que tomou de

forma avassaladora a sociedade, num modelo de estado neoliberal, em que os tristes, os depressivos, os melancólicos foram cada vez mais excluídos, assim com os loucos, os velhos e todos que pudessem perturbar a sociedade do "seja feliz, mostre-se um vencedor".

Compreende-se que, na atualidade, para muitos intelectuais, cresça o ceticismo em relação a qualquer pretensão de felicidade e que a questão se transforme em: como sobreviver ao que o filósofo Pascal Bruckner chama de "despotismo da felicidade" (2000, p. 20), responsável, segundo ele, pela destruição da própria possibilidade de felicidade.

Como vemos, a abordagem do assunto envolve navegação em águas arriscadas. Poucos são os grandes escritores contemporâneos que se aventuram a uma tematização mais clara e frontal do tema. Nas literaturas africanas de língua portuguesa, a questão se revela expressiva, em diferentes espaços e épocas, e pode ser vista em muitos desdobramentos, seja nos períodos mais remotos (de afirmação identitária), como tentamos mostrar anteriormente, seja em momentos mais contemporâneos, em textos que abraçam sem medo a felicidade – numa espécie de recuperação do tempo perdido, reverberando tons proustianos, tal como mostramos em estudo sobre a obra do angolano Ondjaki[4] – ou que a rejeitam ceticamente, como um sintoma do mal estar cultural, como se pode perceber na obra *Filhos da pátria,* do também angolano João Melo.

Tal como o pesquisador francês Cristophe André, acredito que é um grande equívoco considerar a felicidade como um elemento paralisante, como vimos desde o romantismo. Ele observa: "É verdade que a cólera pode nos levar à revolta, ao combate, à destruição do justo e do inaceitável, mas é o desejo e o gosto da felicidade que podem nos ajudar a seguir em frente na criação" (ANDRÉ, 2010, p. 59; tradução livre). O psiquiatra valoriza, especialmente, nossa capacidade de aprendizagem da felicidade que se radica na infância, mas pode ser recuperada por nossa memória da felicidade, funcionando como um reservatório de força diante das adversidades, como mostrou também Bergson em *Matéria e memória* (1999).

A escolha de textos de Mia Couto, para uma reflexão em torno das imagens de felicidade, deve-se, em primeiro lugar, à expressividade do tema em sua obra. Este se manifesta de forma explícita em suas narrativas, seja nos

nomes das personagens, seja nos provérbios e reflexões que surgem a todo o momento, seja em alguns títulos de estórias. Enfim, o tema se mostra vivo de muitas formas, na sua produção em geral, incluindo boa parte de seus ensaios. Mas o que nos atrai, realmente, na elaboração coutiana de imagens de felicidade, é a sua vinculação aos projetos e sonhos nascidos a partir de um imaginário de vozes da periferia da sociedade. Vozes coletivas, plurais, que nos revelam, especialmente, o espaço dos desejos.

Na impossibilidade de investigarmos, em um só artigo, as muitas facetas e elementos que concorrem para nossa observação da busca de felicidade na obra de Mia Couto, elegemos, aqui, a via do autoconhecimento, que está presente em quase todas as reflexões filosóficas e psicanalíticas sobre a felicidade ao longo da história do homem. Futuramente, esperamos abordar – e desejamos que este artigo desperte – outros aspectos relacionados ao presente tema na obra do autor.

Na produção de Mia, a ideia de autoconhecimento se mostra relevante desde o seu primeiro livro de poesia, *Raiz de Orvalho*, publicado inicialmente em 1977, como vemos no poema de abertura, "Identidade": "Preciso ser um outro/para ser eu mesmo…// No mundo que combato/morro/no mundo por que luto/ nasço." (COUTO, 1999, p. 13)

A ideia do autoconhecimento alia-se, em sua obra, a uma constante necessidade de busca, de reinvenção do homem. O sujeito, portanto, só pode se conhecer e se encontrar na medida em que exercitar as muitas possibilidades de se "outrar". Tal proposta também é defendida claramente nos ensaios: "o que nos faz ser pessoas é o modo como pensamos, como sonhamos, como somos outros" (COUTO, 2009, p. 88)."

Em *Estórias abensonhadas*, textos publicados em 1994, surgidos, após o final da Guerra Civil em Moçambique, conforme as palavras do autor indicam na apresentação do livro, "entre a mágoa e a esperança, lá onde a violência não pode golpear" (2012), encontramos um território de traumas, onde, no entanto, podemos nos refazer, conhecendo as trajetórias de personagens que expressam seus desejos e transformam-se em pessoas. Observaremos, em algumas dessas estórias, o caminho da repressão e seus sintomas até a emersão do desejo não satisfeito e canalizado, a voz das paixões até então caladas. Um caminho ligado ao autoconhecimento, que não só valoriza os

desejos e sonhos, mas, sobretudo, os dimensiona no mundo em que vivemos.

Começamos com a leitura de “O cego Estrelinho”, pois esse foi o primeiro conto do autor que nos despertou para uma observação desse processo de autoconhecimento, que se dá no “outrar-se”, que possibilita a emancipação do nosso “olhar” em relação ao mundo, que nos leva a uma autodescoberta no outro e com o outro.

Inicialmente, o cego Estrelinho é conduzido pelo guia Gigito Efraim, cujo nome significa próspero, persistente, fértil. Com ele, Estrelinho desenvolve uma relação de dependência, que traduz ao mesmo tempo o prazer e a dor, a luz e a escuridão. O brilho da imaginação de Gigito, na qual Estrelinho se apoia, é ofuscado quando Gigito dorme, e o cego se sente impedido de dormir, isto é, de sonhar, diga-se desejar. Como que prevendo a sua partida iminente, Gigito incita o cego a se desbengalar, a forjar suas próprias imagens e não se conformar com a escuridão. A verdade, contudo, é que Efraim e Estrelinho se completam, pois o cego também incitava o guia a imaginar e “não se conformava em suas escurezas.” (2012, p. 22)

Quando Gigito parte para a Guerra, Estrelinho se afunda na tristeza; até o dia em que, como prometido, Gigito envia-lhe a irmã Infelizmina, que o subsitutiria na função de guia. Descobrimos, contudo, que a moça faz muito jus ao seu nome, pois não consegue guiar Estrelinho pela imaginação: não lhe permite “outrar-se”; não é capaz de inventar, de deixar falar a voz do desejo. Sua visão é guiada apenas pelo princípio de realidade, que aposta na objetividade, que reduz o mundo ao que é dado. Pela mão de Infelizmina, “Estrelinho perdia os brilhos da fantasia” (2012, p. 24). Diferente do irmão, Gigito, capaz de criar um mundo do tamanho do sonho, o olhar da moça não deixa que o mundo se expanda e ganhe novas cores e formas. Com sua visão objetiva, tudo a sua volta se encolhe e se desilumina.

Sabota-se, assim, a capacidade de outrar-se, tanto de Infelizmina quanto de Estrelinho. E, para completar esse quadro desalentador, Infelizmina mergulha em profunda tristeza, ao saber que o irmão, Gigito, morrera na guerra. A depressão de Infelizmina, no entanto, fará com que Estrelinho se transforme em seu guia, seguindo a lição da imaginação, do sonho e do desejo que recebera de Gigito. Com a ajuda de Estrelinho, Infelizmina se desvencilha da tristeza e abraça o caminho apontado pelo cego, que “iniciou de descrever o

mundo, indo além dos vários firmamentos." (COUTO, 2012, p. 25). Com Estrelinho, Infelizmina se reconhece, se sente sarada da alma. Seu outrar-se a leva à transformação, à emancipação.

A personagem realiza, portanto, uma descoberta e uma vivência de intensa satisfação, no autoconhecimento que se estrutura com a ajuda do outro. Esse autoconhecimento relaciona-se, vivamente, à ideia de felicidade, uma vez que as imagens evocadas sugerem uma plenitude e uma completude ligadas à harmonia de uma experiência que só se pode descrever como anterior à própria vida, uma experiência que, como o texto aponta, não tem lugar determinado, mas atualiza-se, no caminho, como uma constante busca.

> Estrelinho miraginava terras e territórios. Sim, a moça se concordava. Tinha sido em tais paisagens que ela dormira antes de ter nascido. Olhava aquele homem e pensava: **ele esteve em meus braços antes da minha actual vida.** E quando já havia desvencilhado da tristeza ela lhe arriscou de perguntar:
> – Isso tudo, Estrelinho? Isso tudo existe aonde?
> E o cego, em decisão de passo e Estrada, lhe respondeu:
> – Venha, **eu vou lhe mostrar o caminho.**
> (COUTO, 2012, p. 25; grifos nossos)

Em "Nas águas do tempo", conto que abre o livro, também encontramos um processo de outrar-se que aponta para a afirmação identitária. Dessa vez, é o mais novo que se "outra", ao se deixar guiar pelo "mais velho", terminando por descobrir os olhos que se abrem para dentro, "aqueles que usamos par ver os sonhos" (COUTO, 2012, p. 12). Tal como na estória do cego Estrelinho, que se descobre capaz de criar imagens transformadoras do mundo, aqui também se experimenta um processo de autoconhecimento renovador. Inicialmente, o jovem vive a descrença; mais tarde, esta se transforma em medo do desconhecido:

> O avô pisava os interditos teritórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido (…) Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso. (COUTO, 2012, p. 13)

O saldo final da experiência, contudo, é de descoberta e plenitude: "E eu acabava de descobrir em mim um rio que nunca haveria de morrer." (COUTO, 2012, p.13). A transmissão de experiências entre o "mais velho" e o "mais novo" reúne, de forma extremamente articulada, elementos considerados essenciais na busca pela felicidade em todas as culturas: temos aqui,

claramente delineadas, a importância do autoconhecimento, da autorrealização e da consciência da morte (HECHT, 2009, p. 23-61). Tais elementos também podem ser encontrados nos demais contos. Acreditamos, no entanto, que, não por acaso, nessa primeira estória, eles se mostram conectados de forma primorosa.

No conto "Joãotonio no enquanto", à medida que se autoquestiona e autoconhece, chegando até a despedir-se de seu nome original, o protagonista põe em cheque, também, as rígidas barreiras, estabelecidas pela sociedade, no plano da sexualidade. Infeliz com o comportamento frio e distante de sua mulher, Joantônio a envia para uma prostituta, que deveria ensinar-lhe a arte de "enrodilhar lençóis" (2012, p.89) Sua mulher, Maria Zeitona, retorna do estágio transformada, "com jeitos de homem" (COUTO, 2012, p. 90).

É somente ao "outrar-se", como Joãotonia, e ao aceitar o "outrar-se" de sua parceira, agora masculinizada, que a personagem principal encontra um caminho para a realização e satisfação do desejo. Os estereótipos e obtáculos que criamos no nosso relacionamento com o outro são evidenciados no conto. Porém, mais do que isso, evidencia-se o modo como nossa rigidez e nossas convenções nos tornam infelizes. É por isso que, cheio de licenças e vergonhas, o narrador-personagem confessa seu prazer com a mudança de papéis. A vergonha, contudo, é suplantada pelo prazer e pela alegria de recuperar sua mulher. O processo de autoconhecimento de Joãotonio produz resultados tão plenos e harmoniosos que merecem ser compartilhados. Daí o conto se estruturar em forma de diálogo entre o narrador e o narratário. Este se projeta como um protótipo do leitor. Como em outras narrativas emblemáticas do gênero, a responsabilidade de reconstituir a história e refletir sobre ela é transferida ao ouvinte leitor.

> (…) Está-me a seguir meu irmão?
> Mas agora, no momento que lhe escrevo, nem mais me apetece explicação. Quero desraciocinar. Em cada dia não espero senão a noite, as brandas tempestades em que sou Joãotônio e Joanantônia, masculine e feminine, nos braços viris de minha esposa. Por enquanto, mano, ainda sou Joãotônio. Me vou despedindo, vagarinhoso, do meu verdadeiro nome. (COUTO, 2012, p. 90)

Por outro lado, o conto "Os infelizes cálculos da felicidade" indica como o espaço do desejo sexual também pode permanecer empobrecedor, ainda

que se mostre com uma face aparentemente liberada. O princípio de prazer descontrolado revela-se tão precário quanto o reino do princípio de realidade. Ao pressentir qualquer ameaça de abandono, por parte de sua jovem parceira, o velho Júlio Novesfora foge em direção a novos prazeres, acreditando que assim poderá evitar a dor. Aqui o protagonista, em nenhum momento, realiza o movimento de outrar-se, de abrir-se em direção a sua parceira ou parceiras, embora deixe falar alto o seu desejo físico. O personagem passa por uma transformação apenas superficial, ou melhor, passa de um extremo a outro. Se, inicialmente, não se relacionava amorosamente com mulheres, muda da água para o vinho e passa a se interessar avidamente por relacionamentos amorosos. Entretanto, só consegue enxergar suas parceiras como objeto de descarga de suas pulsões; o "outro", portanto, não ganha jamais existência própria. O princípio de prazer, como satisfação imediata dos desejos, revela sua face empobrecedora, pois Júlio Novesfora é guiado exclusivamente pela razão, que não lhe faculta a transformação do mundo. Tal como a personagem Infelizmina, na primeira fase, para Júlio, a vida é o resultado de uma visão objetiva, que não dá lugar ao sonho. Na verdade, mesmo que se transforme numa pessoa totalmente dedicada a relacionamentos amorosos, permanece a mesma pessoa de antes; continua doseando "o seu coração em aplicações regradas e reduzindo 'a paixão ao seu equivalente numérico'." (COUTO, 2012, p. 83). Antes, os amores eram hipótese nula. Agora, os amores passam a ser estabelecidos pelas probabilidades: "Afinal, os outros bem tinham razão: chega sempre o momento que o amendoim se separa da casca." (COUTO, 2012, p. 85-86) Por isso, Novesfora só pode passar por transformações superficiais, logo, constantemente, insatisfatórias, uma vez que não dão espaço para o outro.

Essa negação ou invisibilidade do outro também se apresenta no conto "Noventa e três", estória de um "mais velho" ignorado pela família, circunstância que se torna ainda mais pungente porque o conto se passa no dia do seu aniversário. A invisibilidade do velho para a família é tamanha, que esta não percebe a sua ausência quando o velho se esgueira para encontrar com os amigos da rua: "E, sem que ninguém se aperceba, o aniversariante escapa do aniversário. Se adentra no jardinzito e se estende no banco, suspirando uma **leve felicidade**." (COUTO, 2012, p. 58; grifos nossos). Essa

felicidade surge na rua, longe da rotina e do esquecimento dos familiares, num espaço onde ele consegue ser outra pessoa, junto dos companheiros "Ditinho mais o gato. Esses, sim, mereciam pensamento. Só para eles, vadios do jardim, ele se sentia avô." (COUTO, 2012, p. 58)

Realizamos aqui um breve passeio por alguns dos contos de *Estórias abensonhadas*. Podemos, entretanto, afirmar que o "outrar-se" atravessa toda a obra, e pressupõe, em primeiro lugar, um olhar para o outro, fazendo emergir as vozes silenciadas. Não por acaso são quase sempre as vozes periféricas que se expressam: vozes das mulheres, dos loucos, dos cegos, dos velhos, das crianças, daqueles que a nossa cultura narcísica considera menores.

Talvez não encontremos nesse movimento de outrar-se um caminho seguro para a felicidade, mas antes uma crítica e uma alternativa feliz para os becos, aparentemente sem saídas, das dores, dos traumas e da sociedade individualista, que elege cada vez mais a satisfação dos prazeres imediatos como centro.

NOTAS:

1.Radiguet, Raymond. Texto traduzido livremente do poema "Les adieux du coq", extraído de um exemplar único de uma recolha de poemas não publicada.

2.COLI, Jorge. "A alegoria da liberdade." In: Os sentidos da paixão. Novaes, Adauto (org). São Paulo: Funarte/ Cia das Letras, 1988.

3.FONSECA, Maria Nazareth. "Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa", acessado no site http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf , em 15-1-2014.

4.Refiro-me ao texto "Tudo que é leve se adensa no ar", que será publicado esse ano na Alemanha, em obra organizada pela Professora Anne Neuschafer, da Universidade de Aachen, na Alemanha.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Cristophe. *De l'art du bonheur*. Paris: L'Iconoclaste, 2010.

Bergson, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRUCKNER, Pascal. "La tentation du Bonheur". *In: Magazine Littéraire*, n. 389, ano 2000. http://www.magazine-litteraire.com. Acesso em 20-1-2014.

COLI, Jorge. "A alegoria da liberdade". *In:* NOVAES, Adauto (org.). *Os sentidos da paixão.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 1999.

_____. *E se Obama fosse africano?* Lisboa: Caminho, 2009.

FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban – Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1976. v.II.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. "Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa". http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf
Acesso em 15-1-2014.

FREIRE FILHO, João (org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade.* Rio de Janeiro: ed. FGV, 2010.

HECHT, Jennifer Michael. *O mito da felicidade.* São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEMOS, Virgílio de. *Eroticus moçambicanus: breve antologia da poesia escrita em Moçambique* (1944/1963). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; UFRJ, p. 15-17.

LINS, Ronaldo Lima. *Nossa amiga feroz.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987.

TENREIRO, Francisco José. *Ilha de nome santo*. Coimbra: Coleção Cancioneiro, 1942.

Texto enviado em 31 de Janeiro 2014 e aprovado em 14 de Abril de 2014.